

Mikhail Bakhtin:

MOVIMENTOS DE RECONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA DE UM PENSAMENTO

A obra *Mikhail Bakhtin*, uma alentada biografia do pensador russo escrita por Katerina Clark e Michael Holquist (Cambridge, Harvard University Press, 1984), acaba de ser traduzida para o português por J. Guinsburg e publicada pela editora Perspectiva. Essa publicação, pelos longos quatorze anos que a separam do original, obriga o leitor, quer familiarizado com os estudos bakhtinianos quer não, a pensar nas duas complexas dimensões – a da produção e a da recepção – que envolvem, há mais de setenta anos, o que se considera o pensamento bakhtiniano. Por um lado, a obra de Clark e Holquist tem o inegável mérito de constituir um marco histórico no que diz respeito à pesquisa minuciosa e à divulgação dos acontecimentos que envolveram Bakhtin, sua épo-

ca, seus círculos e as formas de constituição e circulação de suas teorias. E é o mesmo Holquist que, dando seqüência às suas buscas, publicou em 1990 *Dialogism: Bakhtin and His World. [New Accents]* (Londres e New York, Routledge), ainda sem tradução para o português. Por outro lado, tanto os originais quanto a tradução fazem parte, não apenas no Brasil mas na Europa, nos Estados Unidos e especialmente na Rússia, de um movimento iniciado no final dos anos 60, em que “a celebridade de Bakhtin é cada vez mais crescente; esse obscuro professor de um Instituto Pedagógico (transformado em seguida em Universidade), relegado à longínqua Mordóvia, se pôs a exercer uma verdadeira fascinação sobre a comunidade científica internacional” (1).

¹ Palavras de Catherine Depretto no prefácio da obra por ela organizada, *L'Héritage de Bakhtin*, Bordeaux, Presses Universitaires de Bordeaux, 1997.

BETH BRAIT

“O herói revelará muitos disfarces, máscaras aleatórias, gestos falsos, atos inesperados que dependem das reações emotivo-volitivas do autor; ele terá de abrir um caminho através do caos dessas reações para desembocar em sua autêntica postura de valores e para que o rosto da personagem se estabilize, por fim, em um todo necessário. Quantos véus, que escondem a face do ser mais próximo, não precisamos, do mesmo modo, levantar, véus depositados nele pelas casualidades de nossas reações, de nosso relacionamento com ele e pelas situações da vida, para ver-lhe o rosto em sua verdade e seu todo” (Bakhtin).

*Máscara
mortuária de
Bakhtin*



BETH BRAIT é professora de Literatura Brasileira da FFLCH-USP e autora de *Ironia em Perspectiva Polifônica* (Editora da Unicamp).

Mikhail Bakhtin, de Katerina Clark e Michael Holquist, tradução de J. Guinsburg, São Paulo, Perspectiva, 1997.

autor e personagem

Nesse sentido, um movimento pendular e ininterrupto vem desenhando, há algum tempo, o perfil, por vezes ainda diáfano, de um pensador e de um pensamento em que complexas e intrigantes questões, como é o caso das concepções de sujeito e de autoria, tão presentes nas discussões contemporâneas, embaralham os limites da teoria e da existência, possibilitando, por exemplo, a pessoaana pergunta: Bakhtin ele mesmo, Voloshinov ou Medvedev?

A busca dos caminhos para as possíveis respostas alimenta-se da energia advinda de duas fontes interligadas. Uma delas está constituída pelas formas como a obra de Bakhtin, e de seu círculo, vem sendo conhecida, tanto na Rússia quanto no Ocidente, ou seja, aos poucos, sem o conforto da seqüência cronológica que possibilitaria um percurso mais seguro na direção do conjunto e por vezes, em algumas línguas, com traduções pouco recomendadas. A cada descoberta, tradução ou nova coletânea, fazem-se necessárias as revisões ou ampliações do estabelecido, de forma que o antigo perfil dá lugar a um novo esboço, quer do ponto de vista da autoria, quer da especificidade dos conceitos.

Em russo e em traduções para o Ocidente, as obras foram sendo conhecidas na ordem apresentada a seguir, sem que a data da publicação reúna, necessariamente, escritos de uma mesma fase : 1) *Arte e Responsabilidade*, Nevel, 1919, com tradução para o espanhol em 1982 e para o inglês em 1986; 2) *O Freudismo*, assinado Voloshinov, Moscou-Leningrado, 1927, com tradução para o inglês em 1976 e para o francês, com indicação de autoria Bakhtin, em 1980; 3) *O Método Formal nos Estudos Literários*, assinado Medvedev, Leningrado, 1928, com tradução para o alemão em 1976, para o italiano em 1977, para o inglês em 1978 e 1983, com a seguinte indicação de autoria: M. M. Bakhtin/P. N. Medvedev; 4) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, assinado Voloshinov, Leningrado, 1929, com tradução para o inglês em 1973, para o espanhol em 1976, para o francês em 1977 e para o português em 1979, trazendo a seguinte autoria: Mikhail Bakhtin (V. N.

Voloshinov); 5) *Problemas da Poética de Dostoiévski*, assinada Bakhtin, teve a primeira edição em 1929 e a segunda, modificada, em 1963, e em 1970 teve duas traduções para o francês: uma em Lausanne, pela L'Âge d'Homme e outra em Paris, pela Le Seuil, contendo o famoso prefácio de Julia Kristeva, importantíssimo para a divulgação de Bakhtin no Ocidente; a primeira tradução para o português data de 1981; 6) *A Obra de François Rabelais e a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, também assinada Bakhtin, aparece em 1965 na Rússia, tem uma tradução para o inglês em 1967, uma para o francês em 1970 e para o português em 1987; 7) *Questões de Literatura e de Estética – a Teoria do Romance*, datada de 1975, com tradução para o francês em 1978, para o inglês, em duas publicações, em 1981 e 1986, e para o português em 1988; 8) *Estética da Criação Verbal*, 1979, é uma obra que reúne, além do primeiro texto publicado pelo autor em 1919 e o último publicado em vida, 1974, “Por uma Metodologia das Ciências Humanas”, e de alguns artigos publicados parcialmente ou na íntegra nas revistas *Voprosy Literaturny*, *Voprosy Filosofii* e no anuário teórico *Kontekst*, principalmente textos inéditos, editados a partir de manuscritos conservados no arquivo do autor; a melhor tradução foi feita para o espanhol em 1982; 9) *Acerca da Filosofia do Ato*, Moscou, 1986, com tradução para o inglês em 1993. Há, ainda, reuniões, feitas principalmente nos Estados Unidos, a partir dos ensaios bakhtinianos de diferentes épocas, como é o caso de *The Dialogic Imagination. Four Essays by M. M. Bakhtin*, 1981; *Speech Genres and Other Late Essays*, 1986 e *Art and Answerability: Early Philosophical Essays by M. M. Bakhtin*, 1990.

A outra fonte é, em parte, uma consequência da primeira, a maneira como as obras bakhtinianas vêm sendo recebidas, multiplicadas em interpretações e leituras que, na maioria das vezes, revelam o quanto podem funcionar como surpreendentes bandeiras para diferentes contextos de recepção, como por exemplo o do

antiestruturalismo, o do antipositivismo, o do *cultural-studies*, o das várias vertentes da análise do discurso e até mesmo o de uma União Soviética que, apesar das agruras estalinistas, preservou em seu próprio território um pensador, e portanto um pensamento, que hoje parece antecipar, e ao mesmo tempo dialogar de forma muito contemporânea, com o que há de mais vivo nas discussões sobre os métodos e objetos das Ciências Humanas deste final de século. Para se ter uma idéia da amplitude alcançada pela fortuna crítica bakhtiniana, tanto na Rússia quanto no estrangeiro, e da impossibilidade de fornecer com precisão a totalidade dos textos que a compõem, basta observar duas tentativas de atualização: uma delas, *M. M. Bakhtin no Espelho da Crítica* (Moscou, 1995), reúne publicações aparecidas entre 1989 e 1995 e é composta de mais de mil títulos; a outra, publicada na revista de Vitebski *Diálogo. Carnaval. Cronotopo* (1994), reúne quase setecentos títulos, sem incluir as publicações russas. Há, como prova a profusão de obras e do interesse contínuo, um *site* da Internet, *Bakhtin Centre*, dedicado a tudo o que sobre ele se produz em matéria de livros, ensaios, artigos, dissertações, teses e diferentes projetos.

E é um pouco como uma forma de esclarecer alguns dos aspectos que compõem esse universo, descontando-se os quatorze anos de produção ininterrupta do diálogo permanente entre Bakhtin e seus aplicadores, intérpretes e continuadores, que no primeiro parágrafo da obra *Mikhail Bakhtin*, os biógrafos Clark e Holquist apresentam uma síntese generalizadora e extremamente expressiva das condições de produção e recepção do pensamento bakhtiniano:

“A história das reputações é uma crônica de maiores ou menores discrepâncias. Há sempre uma brecha entre aquilo que alguém faz e aquilo que o mundo percebe que a pessoa fez. Algumas discrepâncias são temporais, como a retardada ‘descoberta’ de Vico; outras são espaciais, como o reduzido prestígio de Jack London nos Estados

Unidos ante seu elevado *status* na União Soviética. Mas poucas discrepâncias são tão grandes quanto os anacronismos e as ironias que caracterizam a carreira e a reputação de Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin (1895-1975)”.

Não parece acaso o fato de os biógrafos terem citado o norte-americano Jack London (1876-1916), na medida em que esse é um escritor sempre lembrado como o autor cuja história pessoal é um romance digno dos que ele próprio escreveu. No caso de Bakhtin não se trata de um romancista, mas sim de um pensador que conduziu suas reflexões de maneira muito coerente com a sua vida, especialmente no que diz respeito à questão já mencionada da *autoria*. A autoria aparece como um elemento central ao longo dos textos, ao longo da composição de sua postura filosófica e na decorrente concepção de linguagem que atravessa seus trabalhos. Considerando-se que sua concepção social, cultural e histórica de linguagem, envolvendo ética e estética, implica interação enquanto incorporação dialogicamente discursiva, o que se observa é que esse ponto de vista desestabiliza um conceito monológico de autoria, um conceito individualizado de autor, constituindo isomorficamente um episódio biográfico, como não deixam dúvidas os chamados textos disputados, ou seja, os três livros e vários artigos aparecidos nos anos 20 sob o nome de amigos de Bakhtin: Voloshinov, lingüista e musicólogo, assina *O Freudismo, Marxismo e Filosofia da Linguagem* e os artigos “Para além do Social”, “O Discurso na Vida e o Discurso na Arte” e “As Últimas Tendências do Pensamento Lingüístico no Ocidente”; Medvedev, jornalista literário e burocrata da cultura, assina *O Método Formal nos Estudos Literários*; e Kanaiev, filósofo e intelectual, assina “O Vitalismo Contemporâneo”.

Por ocasião do centenário de Bakhtin, 1995, Iris M. Zavala coordenou um livro intitulado *Bakhtin e seus Apócrifos* (2), que reúne cinco textos voltados especialmente para o problema das obras dispu-

2 Iris M. Zavala (coord.), *Bakhtin y sus Apócrifos*, Barcelona/Puerto Rico, Anthropos/Universidad de Puerto Rico, 1996.

tadas e designadas *deutero-canônicas*. Segundo Zavala,

“essas obras permitem avaliar a teoria bakhtiniana a partir de uma perspectiva da atualidade, tentando considerar o conflito, ainda que as perplexidades permaneçam e os argumentos não consigam apagá-las nem transformá-las. Poderia parecer que em seu centenário o material daria corpo a um conhecimento mais elaborado da figura do Outro em seu próprio discurso, essa dupla procedência e essa dupla seqüência de experiências que a palavra referida descoberta com a assinatura de Voloshinov torna acessível. Com o signo autógrafo de Medvedev explora todo o universo ideológico e valorativo que enuncia precisamente suas concepções mais originais. Cada um dos textos em discussão constitui uma tomada de posição que não concerne somente aos conteúdos de sentido, mas a um novo posicionamento sobre a responsabilidade” (p. 7).

Confirmando o irônico título “Bakhtin e a Encruzilhada Dialógica (Dados e Comentários para Contribuir com a Confusão Geral)”, assinado pela pesquisadora e tradutora Tatiana Bubnova e que constitui o primeiro ensaio da obra *Bakhtin e seus Apócrifos*, nem mesmo as entrevistas concedidas por Bakhtin após sua “redescoberta pelos intelectuais russos” podem servir de solução para o enigma autoria, conforme demonstra um segmento do texto “A Propósito de uma Conversação”, de S. G. Botcharov, presente na mesma obra:

“Sobre a cama de Mikhaïl Mikhaïlovitch, encontrava-se o livro de V. N. Voloshinov, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, provavelmente emprestado por alguém (Bakhtin, me parece, não possuía um exemplar). Eu observava a obra, tomando-a em minhas mãos. Elena Aleksandrovna [esposa de Bakhtin]: “Você se lembra, Mishenka, como você a ditava a Valentin Nikolaevitch [Volochinov] na casa de campo na Finlândia?” [...].

Eu usei, então, perguntar-lhe as razões

da estranha autoria desse livro e daquele de Medvedev sobre o método formal; esse tema surgiria várias vezes na conversa. Ele respondeu por meio de um curto monólogo, proferido com certa ênfase (ao voltar para casa, transcrevi a conversa na mesma noite):

— Veja, eu considerava que eu podia fazer aquilo para meus amigos, e não me custaria nada, porque eu pensava que chegaria a escrever meus próprios livros, sem esses acréscimos desagradáveis (com um esgar, ele apontou o título). Eu não sabia o que iria se passar. E além disso qual a importância, o autor, o nome? Tudo que foi feito nesses últimos cinquenta anos, sob este sol deserdado, sob este céu privado de liberdade, tudo está de uma maneira ou de outra viciado” (3).

As palavras de Bakhtin não chegam a dirimir as dúvidas, embora apontem para uma postura diante da autoria. A controvérsia, portanto, permanece e motiva um movimento, não na direção de uma solução definitiva, mas no sentido de estabelecer a coerência entre esse fato e o pensamento filosófico-lingüístico de Bakhtin e dos componentes de seus círculos. Nesse sentido, é necessário perseguir as possibilidades de compreensão da maneira de ser de Bakhtin, desse homem que se desloca muitas vezes pela Rússia durante seus 80 anos de vida, sempre lendo e escrevendo muito, sempre que possível participando dos muitos momentos da intensa vida cultural e de círculos de sistemáticas discussões filosóficas, literárias, artísticas que aconteceram na Rússia durante sua existência. Mas que, também, sofreu uma série de dificuldades físicas, financeiras, dificuldade de inserção na vida acadêmica, dificuldades de publicar sua obra e de ter sua tese de doutorado reconhecida, que foi exilado por motivos nunca explicitados mas que pendiam, como se sabe, muito mais para o religioso que para o político, que voltou do exílio e que, no final da vida, foi redescoberto e o está sendo até hoje.

Uma das tentativas de articular a biografia bakhtiniana com suas teorias, toman-

3 Serguei Georgievich Bocharov, “En torno a una Conversación” [Novoie Literaturnoie Obozrenie, 2, 1993, pp. 70-89], trad. Tatiana Bubnova, in Iiris M. Zavala [coord.], op. cit., pp. 73-116. Essa entrevista aconteceu no dia 9 de junho de 1970, em um asilo de idosos na estação Grivno, da linha ferroviária de Kursk, lugar em que estavam residindo Bakhtin e sua esposa.

do como lema a frase na qual Guimarães Rosa afirma que “a vida e a linguagem são a mesma coisa”, e mesmo considerando todas as polêmicas que daí derivam, pode estar justamente no caminho traçado pela obra *Mikhail Bakhtin*, de Clark e Holquist, desde que em diálogo com outras interpretações feitas nos últimos quinze anos. Esse estudo pioneiro suscita uma reflexão sobre um conceito central na teoria bakhtiniana, o conceito de *autoria*, e que aparece como um dos pontos essenciais para a concepção dialógica da linguagem, incluindo os trabalhos que têm outras assinaturas, e possibilita uma visão de aspectos fundamentais do contexto de produção, e de recepção, enquanto Bakhtin ainda estava vivo. Esse panorama é essencial para a compreensão do importante legado teórico que pode, em última análise, ser definido como uma *análise dialógica do discurso*, uma filosofia que se apóia tanto na linguagem literária quanto na vida cotidiana.

A tendência, portanto, é estabelecer as possíveis relações existentes entre várias dimensões. Uma delas é o discurso do *autor*, ou seja, aquele que está constituído pelo conjunto das obras, consideradas as diferentes assinaturas, assumidas hoje como ambígua co-autoria, e que podem representar tanto uma forma de encobrir um nome, “o nome do pai”, para expor suas reflexões, ou ainda uma forma coletiva de escritura democratizada, de dialogismo autoral (4), o que não é incoerente, não só de um ponto das posturas teóricas bakhtinianas, mas no sentido de que os nomes justapostos a Bakhtin são nomes de intelectuais participantes de seus círculos de estudo, pessoas que mesmo sem grande brilho produziram suas próprias obras e tiveram um papel na cultura russa. Não são simples discípulos generosos como alguns estudiosos procuram fazer crer, desqualificando o papel da interlocução na constituição do autor Bakhtin. Uma outra importante dimensão é aquela formada pelas instituições que delimitam o contexto em que esse discurso foi produzido, recebido, rejeitado e, mais recentemente, redescoberto, incluindo “as várias Rússias”

e os diferentes interesses ocidentais. E, por último, mas com a mesma força participativa, a personagem que vai sendo composta, involuntariamente, até mesmo por Clark e Holquist, por meio dos fragmentos recuperados pelos biógrafos e reinterpretados pela profusão dos diversificados estudos.

Nessa toada, a busca envolve, necessariamente, as lacunas biográficas e bibliográficas, a forma dispersa como os vários textos e fragmentos de textos foram sendo descobertos, publicados e divulgados no Ocidente, e a *personagem* Bakhtin, entenda-se que, ao lado do *indivíduo* e do *autor*, foi sendo composta pela multifacetada recepção o que inclui: a recuperação e até “divinização” na Rússia; a criação de uma espécie de “iniciados em Bakhtin” que o tomam como guru, como salvador nas pesquisas em ciências humanas em geral e análise do discurso em particular; a luta pela detenção das “verdades bakhtinianas”, travada principalmente pelos pesquisadores russos e americanos; a abundância de aplicadores indiscriminados que utilizam seus conceitos conforme a voga de um pós-moderno em que os estudos culturais e interculturais acolhem dialogismo, polifonia e carnaval, concebendo-os como conceitos fluidos, próprios para as análises politicamente corretas, seja lá o que for que isso signifique.

De fato, compreender Bakhtin não é uma empreitada muito simples, não só pela maneira como seus escritos foram sendo conhecidos, incluindo aí os problemas de tradução, mas pela dificuldade representada, por exemplo, pelo conceito de *sujeito* que advém de suas teorias e que, impregnado por uma dimensão corporal, oferece resistência ao pensamento cristão marcado pela ética do espírito. Sendo o sujeito bakhtiniano um sujeito histórico, social, cultural, o que parece palatável, ele é também corpo, dimensão menos simples de ser assumida de um ponto de vista metodológico e epistemológico. Os estudos sobre Rabelais, mas não só eles, são exemplares no sentido da percepção desse conceito especial de sujeito e de linguagem.

Assim, as idéias sobre dialogismo, que

4 Aqui, podemos tomar emprestado um trecho do texto “Bajitín y sus Apócrifos o el Nombre del Padre”, de Iris Zavala, justamente no momento em que a autora sintetiza um pensamento corrente e muito divulgado sobre essa questão: “A nenhum leitor de Bakhtin escapa a dimensão da palavra alheia [o discurso alheio], que transforma nossa própria palavra em bivocal, ambivalente e polisêmica, convertendo a linguagem em zona de valoração. Como consequência, a linguagem torna-se fundamentalmente heterogênea, um meio compartilhado e conflituoso, podendo-se mesmo dizer antagônico” [Zavala, p. 131].

podem ser expressas como sendo o discurso *no* ou *sobre* o discurso, a incorporação constitutiva do discurso de outros, ou de outros discursos, e que permite enxergar o texto como um corpo, se estendem para além do texto, funcionando como um ponto de vista ético e estético sobre a existência. No que diz respeito ao método, ao rigor e às condições de existência das Ciências Humanas, aspectos para os quais Bakhtin acena em vários momentos de seus estudos, é possível observar que existe, hoje, a tentativa de uma *abordagem dialógica* (5), ou seja, a tendência de se levar em conta, na especificidade da pesquisa e da escritura das humanidades, a questão da alteridade, as formas de presença do outro de que se fala e do outro silenciado, considerando a enunciação, ao mesmo tempo científica e polifônica, como um gênero específico: “A alteridade inerente a toda atividade de pesquisa ganha, nas ciências humanas, uma especificidade, a saber, o fato de ser uma alteridade humana. Entre o sujeito e seu objeto de pesquisa, a relação que se estabelece é a da diferença no interior de uma identidade” (Amorim, p. 22).

E é seguindo de perto o roteiro biográfico e bibliográfico proposto por Clark e Holquist que se poderá, com olhos bakhtinianos, considerar aspectos fundamentais desse pensamento que, de forma polêmica mas insistente, se imiscui em várias vertentes das ciências humanas. O movimento do texto biográfico obedece a uma sistemática bem definida, permitindo ao leitor acompanhar Bakhtin em sua peregrinação geográfica e intelectual, sem perder a oportunidade de detalhar o contexto histórico, cultural, social e econômico da Rússia em que ele viveu. Sempre que necessário e de forma estratégica, a cronologia detalhada é suspensa para dar lugar à discussão das formas de aparecimento, transformação e constituição de seu legado.

ESBOÇO DE UMA FIGURA DE MUITAS FACES

Na “Introdução”, antes mesmo de iniciar uma cronologia biográfica, os autores têm a preocupação de esclarecer as dificuldades encontradas para traçar um *esboço de figura* e “acertar com precisão um Bakhtin definitivo”. Nesse percurso, vão construindo diante dos olhos dos leitores uma espécie de matriz cubista inacabada, mas extremamente expressiva, em que os principais traços mapeiam a atração do pensador russo pela “plenitude das diferenças”, as “desnorteantes contradições de sua carreira”, a dificuldade de “precisar qual o ponto de vista de Bakhtin sobre uma série de questões cruciais, inclusive seu relacionamento com a religião e a Igreja Ortodoxa, sua atitude no tocante à Rússia, à União Soviética e ao Ocidente, e seu compromisso com vários movimentos, grupos e círculos de amigos que formavam seu ambiente intelectual”. O fato de que Bakhtin “jamais chegou a coincidir com qualquer grupo ou posição ideológica”, apresentando-se ao mundo como “um indivíduo esquivo, contraditório e enigmático”, aparece de forma contundente. Há outros aspectos que ajudam a compor o esboço e que dizem respeito à obra, acentuando os “manifestos pessoais, amiúde com mensagem política e filosófica” existentes sob a maioria dos escritos em que predominam “erudição acadêmica e exercícios de teoria literária e lingüística”.

É ainda nessa introdução que são indicados os quatro grandes períodos que compõem a trajetória de Bakhtin, incluindo, cronologicamente, a fase denominada *filosófica*, compreendida entre 1918 e 1924, em que o pensamento bakhtiniano está marcado pela “pesada influência do neokantismo e da fenomenologia”; um segundo momento, compreendido entre 1925 e 1929, em que Bakhtin “começou a afastar-se da metafísica e entrar em diálogo com movimentos intelectuais então em curso, como o freudismo, o marxismo soviético, o formalismo, a lingüística e até a filologia”; os anos 30, em que Bakhtin “procurou uma poética histórica na evolução do romance”; e os anos 60 e 70 quando o pensador “retorna à metafísica a partir de uma nova

5 Refiro-me aqui, de maneira especial, à obra *Dialogisme et Alterité dans les Sciences Humaines* (Paris, L'Harmattan, 1996), na qual a autora, Marília Amorim, apresenta justamente a importância do conceito de *alteridade* na concepção dos métodos de investigação, de concepção de objeto e de construção dos textos das Ciências Humanas.

perspectiva da teoria social e da filosofia da linguagem”.

Como não poderia deixar de ser, os biógrafos tocam na questão da autoria, apontando o livro sobre Dostoiévski e os conceitos de polifonia e dialogismo nele contidos como o marco de uma nova perspectiva sobre o ponto de vista autoral. A esse importante livro dedicam o capítulo 11, intitulado “A Poética de Dostoiévski”, que se inicia da seguinte maneira:

“Dostoiévski veio a ser um fator decisivo na moldagem do pensamento de Bakhtin, e as vicissitudes de seu livro sobre o romancista afetaram de maneira similar o destino pessoal do crítico, intensificando o *status* de Dostoiévski de secreto partícipe no curso de existência de seu intérprete. Nenhuma outra obra de Bakhtin afetou sua vida tão diretamente como este livro o fez. O aparecimento, em 1929, da primeira edição intitulada *Problemas das Obras Criativas de Dostoiévski*, constituiu-se, para seu autor, tanto numa saudação de boas-vindas quanto de adeus, um evento bifronte que assinalou quer a sua primeira tentativa para irromper numa publicação sob seu próprio nome, à exceção do efêmero volante que circulara dez anos antes em Nevel, quer ainda a sua última aparição em forma impressa antes de imergir no exílio e na obscuridade. A segunda edição em 1963 não põe entre parênteses menos nitidamente o período que Bakhtin passou no ostracismo, pois seu lançamento anunciou a reemergência deste escritor na cena editorial soviética e seu ascenso à proeminência internacional” (p. 257).

Essa introdução ao trabalho sobre Dostoiévski, juntamente com o destaque para a questão da polifonia na obra objeto de análise e nos fundamentos da teoria do analista, aspectos que de fato contribuem não apenas para uma leitura de Dostoiévski ou de outros escritores, mas especialmente para um modo de ser constitutivo da linguagem – e que vêm motivando estudos em várias áreas –, está marcada pela idéia da “intimidade existente entre duplos” e

necessariamente pela mobilização do conceito de autoria. Como bem assinalam os biógrafos, esse conceito que já estava presente de forma abstrata em seu primeiro trabalho, em 1919, reaparece em 1924, com “O Problema do Conteúdo, Material e Forma na Criação Artística Verbal”, e concretiza-se finalmente no estudo sobre o autor de *Crime e Castigo*. O interesse pelas relações existentes entre o autor e seus personagens é, de fato, uma das versões propostas por Bakhtin para o cerne de seu pensamento que é precisamente as formas de relações existentes entre eu/outro e que se deixam ver e estabelecer *na e pela* linguagem. Vale a pena, ainda, constatar a maneira como, depois de mapear o percurso Bakhtin/Dostoiévski, o capítulo é concluído:

“Suas várias redações dos seus livros sobre Dostoiévski, que cobrem um período de quarenta tumultuosos anos, tornam claro que Bakhtin aprendeu bem as lições polifônicas da figura que escolheu como sua autoridade [...] Bakhtin pleiteia a superioridade de uma abordagem dialógica da literatura e da vida em relação a uma abordagem monológica, mas ele o faz em diferentes vozes e por diferentes meios” (p. 269).

No que diz respeito às outras assinaturas, ainda na parte introdutória, os biógrafos consideram que são apenas “disfarces autorais”, resolvendo de forma bastante simplista o problema, apesar de insistirem na questão da autoria, na dimensão vital da polifonia e do dialogismo na articulação do pensamento bakhtiniano e na tendência dos estudiosos ocidentais de focalizar poucas das múltiplas vertentes abertas por Bakhtin, considerando o fato de que, sendo ele “um ferrenho opositor dos cânones, e pretender que alguma versão de sua pessoa seja correta significaria estreitar numa camisa-de-força o filósofo da variedade, ‘monologizar’ o cantor da polifonia”. Essa afirmativa tem endereço certo, isto é, o culto da figura de Bakhtin pela intelectualidade moscovita dos anos 60 e 70 e a leitura enganosa de suas obras.

A composição desse esboço inicial,

baseado em arquivos mas também fruto da interpretação dos autores, como não poderia deixar de ser, salienta as características básicas de um dos eixos centrais das teorias bakhtinianas que é justamente “o pensamento dialógico ou relacional”, deixando entrever as linhas mestras desse projeto e que estão constituídas pelo “reconhecimento da existência como uma atividade incessante”, pelo “embate ininterrupto entre forças centrífugas, que se empenham em manter coisas variadas, separadas, apartadas, diferenciadas umas das outras, e centrípetas, que se empenham em manter as coisas juntas, unificadas, iguais”. E é a partir desse projeto central, e das mudanças, alterações, abandonos e retomadas que ele vai sofrendo ao longo dos anos e dos escritos, que os autores pontuam, num diálogo com as mesmas questões tratadas por diferentes filósofos, os conceitos de diálogo/dialogismo, identidade, variabilidade, diferença, enunciação, atividade autoral e linguagem, sem dúvida centrais na formação do esboço de um autor e de uma teoria.

Depois desse excelente esboço, que tem um caráter didático mas que também é bastante crítico, passa-se à composição da história que teria envolvido esse perfil. Na tentativa de surpreender o indivíduo em seus primeiros vinte e dois anos, o capítulo inicial, denominado curiosamente “Os Irmãos Corsos”, põe em cena Nicolai, o irmão mais velho de Bakhtin, uma nobreza arruinada como provável origem, uma educação esmerada, que incluiu uma governanta alemã, a iniciação na cultura européia e a leitura, entre muitas outras obras, da *Ilíada* e da *Odisséia*. Acompanham Bakhtin e a família no momento em que deixam a cidade de Oriol (onde o autor nasceu em 1895) e passam a residir, entre 1905 e 1912, na cidade de Vilno, capital da Lituânia, focalizando a realização dos estudos secundários e o efeito sobre o futuro estudioso do plurilingüismo. Essa cidade era, como dizem os biógrafos, “um museu de culturas contrastantes” tanto no que diz respeito à variada arquitetura, como à mistura de línguas, culturas, grupos étnicos: “era uma colônia russa, governada por russos, em que

a língua oficial era o russo, a ortodoxia russa era a religião oficial”. Entretanto a população, constituída em sua maioria por poloneses ou lituanos, era de fé católica e inteiramente hostil aos russos ortodoxos. Havia também muitos judeus, parte dos quais falava o ídiche, enquanto os mais prósperos e integrados falavam russo.

Essa parte da juventude passada em Vilno, portanto, necessariamente recupera e confirma a idéia de uma forte ligação entre a experiência pessoal de Bakhtin e alguns aspectos muito marcantes de sua teoria. É nesse “museu de culturas contrastantes” que pode estar a gênese de uma concepção que o autor vai, mais tarde, incorporar a suas reflexões sob o nome de *heteroglossia*, *pluralismo lingüístico*, e que tem importância fundamental para a o conceito de linguagem que ele vai construir e defender ao longo de todos os seus textos. Trata-se da mistura de diferentes grupos de língua, culturas e classes, traduzindo-se pela concepção de variação como sendo a realidade constitutiva de uma língua e o confronto de línguas e de culturas num mesmo espaço. Esse conceito é, sem dúvida, um dos mais ricos dentro da concepção de linguagem do pensador russo, sendo mobilizado por todos que se interessam por discurso, ideologia, educação, ensino de línguas, formas de interação em sala de aula e fora dela, identidade e outros elementos que envolvem as relações existentes entre linguagem, instituições e história. Bakhtin trabalhou esse conceito nos estudos sobre o romance, como é o caso de um ensaio posterior a essa época, que se intitula “A Pré-história do Discurso Novelístico”, no qual ele fala do pluralismo lingüístico da Grécia helenística como condição para o desenvolvimento da prosa grega.

A importância e a complexidade do conceito de *heteroglossia*, *plurilingüismo*, que parece guardar uma forte relação com a experiência concreta com Vilno, tanto tem a ver com a variação lingüística, no sentido assumido, desenvolvido e explorado por várias correntes da sociolingüística, quanto com os conceitos de intertextualidade, interdiscursividade, interdiscurso, hetero-



O círculo de
amizades do
escritor, em
Leningrado
(Bakhtin está
à esquerda);
acima,
Bakhtin
(sentado num
banco, à
direita, na
terceira fila)
com antigos
Guardas
Vermelhos

geneidade, dimensões acenadas por Bakhtin como sendo constitutivas da linguagem e que hoje tomam parte ativa nos estudos literários e lingüísticos.

Em Bakhtin, e no conjunto de seus estudos, seria empobrecedor restringir o conceito de heteroglossia unicamente à perspectiva sociolingüística da linguagem, ou à polifonia do romance. Um estudo atento dos vários textos mostra os componentes *hetero*, *pluri*, *inter*, *intra* como sendo constitutivos da natureza da linguagem, da realidade das línguas e, portanto, da condição de existência dos sujeitos e dos sentidos. Não se pode esquecer que existe uma ligação muito estreita entre esse conceito e os conceitos de polifonia e dialogismo, até mesmo se pensados no percurso do autor. Após os longos anos de estudos sobre Dostoiévski, é à heteroglossia que Bakhtin vai se dedicar, estabelecendo, coerentemente, elos muito fortes entre cada uma dessas dimensões.

Mas voltando aos deslocamentos geográficos, tão numerosos quanto os temas abordados pelo autor, os biógrafos registram que aos quinze anos Bakhtin muda novamente de cidade, dando continuidade a uma peregrinação que duraria toda a sua vida. Dessa vez, vai para Odessa, onde permanece até 1914, termina os estudos secundários e se inscreve na universidade, iniciando-se em filologia clássica. Odessa, tanto quanto Vilno, foi muito importante na vida de Bakhtin, na medida em que lá havia um forte e irreverente ambiente intelectual e a possibilidade, como realmente aconteceu, de Bakhtin dedicar-se um pouco à filosofia, entrando em contato com o pensamento de Martin Buber e Kierkegaard. Não se pode negar, embora o autor não se considerasse um filósofo, que a filosofia tem um papel fundamental na constituição de seu pensamento, aspecto que a biografia de Clark e Holquist mostra com muita força e clareza de argumentação e documentos.

Foi também em Odessa, quando Bakhtin contava dezesseis anos, que a osteomielite manifestou-se pela primeira vez, perseguindo-o e atormentando-o para sempre. Nessa

cidade, estudou apenas um ano na universidade, transferindo-se para Petrogrado em 1914.

Juntamente com a história de Bakhtin, o início de sua formação clássica, filológica e filosófica, o leitor familiariza-se com a vida cultural russa das duas primeiras décadas do século XX, uma vez que os autores vão construindo o cenário que o envolvia. A época vivida em Vilno é descrita como um momento de turbulências de movimentos políticos, estéticos e religiosos que prenunciavam a Revolução de 17. Ao ardor revolucionário que levava à leitura precoce de Marx e Engels e à entoação de hinos revolucionários, segue-se a leitura e discussão de Nietzsche, Baudelaire, Wagner e Leonardo Da Vinci e o envolvimento com o movimento simbolista, cujos principais representantes eram V. Ivanov (1866-1949), Boris N. Biéli (1880-1934), A. A. Blok (1880-1921), Dimitri S. Merejkóvski (1866-1941). Esses acontecimentos funcionam não apenas como cenário, mas apontam, pelas leituras e interesses, para possíveis influências ou estágios do desenvolvimento das reflexões e da constituição de seu pensamento, ainda que tanto o simbolismo quanto a filosofia de Nietzsche tenham sido, mais tarde, objeto da oposição bakhtiniana.

Entre 1914 e 1918, Bakhtin continua os estudos superiores na Universidade de São Petersburgo (que passou a se chamar Petrogrado depois da Primeira Guerra Mundial), matriculando-se no Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade Filológico-Histórica e sendo profundamente marcado, principalmente no modo de ver a literatura, pelos ensinamentos de Zielínski, catedrático de Filologia Clássica. Tanto ele quanto o irmão participam, nessa época, de círculos literários prestigiosos, assistindo a reuniões da Sociedade Filosófico-Religiosa de Petersburgo. Como se pode constatar, aos vinte e dois anos, o autor já somava uma grande experiência intelectual, tendo o privilégio de compartilhar um momento de efervescência cultural polêmica, inovadora, contraditória. Nada disso lhe é indiferente, como teste-

munham seus textos, seu conjunto de anotações e a variabilidade de seus interesses.

No capítulo 2, intitulado “Nevel e Vitebski”, que segue a mesma estrutura do primeiro, é possível acompanhar a trajetória de Bakhtin e os acontecimentos que envolviam a Rússia no período compreendido entre 1918 e 1924. A complexa reação da *intelligentsia* russa à revolução bolchevista inclui o entusiasmo revolucionário e o cubo-futurismo de Maiakóvski, o alheamento ou a imigração da geração mais velha, a ascensão dos jovens, a expansão da educação superior e das instituições culturais, a proeminência dos formalistas, a criação de universidades nas províncias. Esse cenário inclui também o caos provocado pela guerra civil, pela escassez de suprimentos, pela intervenção de potências estrangeiras e pelas tentativas de criação de associações de proteção aos intelectuais, como a dirigida por Górkki.

Nesse panorama, que ajuda a entender o indivíduo Bakhtin, que vai preparando o autor e que, recuperado atabalhoadamente, erige a personagem, não faltavam grupos que se reuniam para debater os mais diferentes assuntos. Como estavam sempre sujeitos à prisão por ligações políticas duvidosas, um grande número começou a abandonar Moscou e Petrogrado, indo habitar a província e, como consequência da continuidade de seus projetos intelectuais e artísticos, acabaram por estimular culturalmente algumas cidades. Esse é o caso de Vitebski, que, além de ser imortalizada pela pintura de Chagall, passou a contar com uma Academia de Arte e um museu organizado pelo artista. Vitebski era também a cidade do pintor, escritor e desenhista Malévitch e de seu Suprematismo, o que ajuda a entender o denso caldo de cultura em que Bakhtin estava mergulhado. Uma outra cidade beneficiada culturalmente foi Nevel, escolhida como refúgio por Bakhtin. Ele havia se formado na universidade e, a partir da primavera de 1918, inicia um longo caminho para sobreviver e tornar públicos seus pontos de vista.

Foi na cidade de Nevel que Bakhtin iniciou sua carreira docente, ensinando em

várias escolas. Além dessa atividade, envolveu-se com círculos filosófico-culturais, proferiu palestras, participou de debates, organizou cursos técnicos para metalúrgicos, conheceu Kagan, que acabava de regressar da Alemanha com um doutorado em filosofia pela escola de Marburgo. É o momento da formação do *primeiro círculo de Bakhtin*, do chamado *seminário kantiano* ou *círculo de Nevel*. É também o início da formulação dos conceitos que embasariam grande parte do pensamento bakhtiniano. Em 1919 publica “Arte e Responsabilidade”, um artigo curto – apenas seis densos parágrafos –, mas importante para a localização da *gênese do pensamento bakhtiniano*. Esse artigo só vai ser republicado na década de 70 no livro *Estética da Criação Verbal*.

Os famosos membros dos “círculos de Nevel” – Ruguévitch, engenheiro de origem polonesa, Volochinov, descrito então como poeta e musicólogo, Zubákin, considerado poeta, escultor e excêntrico, a médica Ana Sergueiévna, Kagan, o filósofo que havia retornado da Alemanha, Pumpiânsky, filósofo e crítico, a futura pianista Maria V. Iudina e outros – tiveram grande participação na educação e na vida cultural da cidade e nas formas de existência de Bakhtin. Entretanto, no final de 1920 os membros do círculo começam a deslocar-se para a vanguardista Vitebski, situada a vinte quilômetros ao sul de Nevel, onde dominava a denominada arte de esquerda.

Também Bakhtin transfere-se para Vitebski em 1920, lá permanecendo até 1924. Consegue lecionar num instituto pedagógico, participar das reuniões do círculo que, reiniciado, conta com os antigos membros e, entre os novos, destaca-se Medvedev, que ainda naquela década assinaria *O Método Formal nos Estudos Literários*. Nesse período, a osteomielite agravou-se, impedindo Bakhtin de exercer várias de suas atividades. Em contrapartida, casou-se com a dedicada Elena A. Okolovitch, de quem se torna profundamente dependente. E é também nesse período que, apesar de todas as dificuldades, consegue levar adiante vários projetos, in-

cluindo um livro sobre Dostoiévski, uma monografia com o título de *Estética da Criação Verbal*, dando continuidade ao grande projeto inacabado, na verdade iniciado em Nevel, sobre “A Arquitetônica da Responsabilidade”, do qual restam alguns fragmentos: “O Autor e o Herói na Atividade Estética” e “Por uma Filosofia do Ato”.

O terceiro capítulo da obra *Mikhail Bakhtin* funciona como uma pausa na cronologia para iniciar um aprofundamento nas raízes do pensamento bakhtiniano surgidas justamente nesse momento, tendo como gancho o projeto “A Arquitetônica da Responsabilidade”, que dá título ao capítulo. O projeto mostra bem, juntamente com o restante da obra, como Bakhtin se colocou algumas questões e não parou de procurar, ao longo de sua vida, diferentes respostas para elas. Assim é no que diz respeito às várias maneiras como trabalhou a questão da relação “mesmo/outro”, o que inclui a autoria, como se observa na seguinte afirmação dos biógrafos:

“Embora a distinção *self*/outro seja uma preocupação recorrente em muitos outros sistemas pré-românticos de pensamento, é Bakhtin o único dentre as figuras mais representativas a moldar o problema em termos de autoria. Ele não se diferencia pela ênfase na dicotomia *self*/outro como tal, mas, antes, pelo acento nas técnicas essencialmente autorais do diálogo e da formação da personagem, que permitem aos pólos de consciência interagirem, conquanto mantendo as diferenças fundamentais um do outro. Em última análise, o pensamento de Bakhtin é uma filosofia da criação [...].

O ato de autoria que é tratado em *A Arquitetônica* constitui o tropo matriz de toda a obra de Bakhtin” (Clarke e Holquist, p. 104).

E é precisamente nesse projeto, de caráter visivelmente filosófico, que se configura o esboço de um tratado sobre a “ética no mundo da experiência humana, uma espécie de axiologia pragmática”, em que a ênfase recai não num resultado, mas no processo de criar ou “autorar” um evento que pode ser chamado de ato, quer seja uma

ação física, quer seja um pensamento, uma elocução ou um texto escrito.

Nesse capítulo teórico, os biógrafos vão mostrando de que forma a “arquitetônica” constitui uma reflexão específica sobre a forma da atividade autoral, no caso a literária, que Bakhtin considera paradigmática. Sem aparecer como um texto, propriamente dito, constituiu uma “espécie de agenda de tópicos” que vão sendo retomados, como uma espécie de baliza, durante toda a sua vida. É essa, sem dúvida, uma das fontes do conceito de dialogismo, na medida em que “Bakhtin concebe a outridade, a alteridade, como o fundamento de toda a existência”. Evidentemente, essa distinção eu/tu não surgiu com Bakhtin, estando presente na filosofia desde o século XVIII e chegando a Bakhtin por meio dos neokantianos. Essa trajetória filosófica complexa, mas importantíssima para se compreender os eixos centrais da teoria dialógica do discurso, assim como a não-constituição de um sistema filosófico específico e as conseqüências para o pensamento bakhtiniano vão sendo mapeadas no capítulo, passando por Kant, pelo neokantismo, por Hermamm Cohen, por Heidegger, por Hegel, e principalmente pelas formas como Bakhtin enfrenta esses e outros caminhos filosóficos, oferecendo elementos para a idéia de que “a autoria é extensível a categorias extraliterárias por ser uma arquitetura da consciência”.

Do conjunto da obra, mas principalmente desse terceiro capítulo, fica a sugestão para um estudo mais alentado das fontes filosóficas bakhtinianas e do papel por elas desempenhado na constituição e na compreensão dos principais conceitos bakhtinianos. Um trabalho aberto, que está para ser feito, mas que conhece algumas incursões, incluindo o ensaio “O Marxismo Kantiano do Primeiro Bakhtin”, de Iná Camargo Costa (6), os trabalhos em desenvolvimento de Carlos Alberto Faraco (7) e parte da obra *Bakhtin and his World*, de Holquist, especialmente o capítulo “A Existência como Diálogo” (1990, pp. 14-39).

O quarto capítulo, como que dando continuidade ao segundo, volta a um bloco da

6 Esse texto se encontra na obra *Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido* (Beth Brait, org., Editora da Unicamp, 1997, pp. 293-302).

7 Carlos Alberto Faraco é professor da Universidade Federal do Paraná e, além da organização de colóquios e livros sobre o pensador russo, vem desenvolvendo um importante e denso trabalho de pesquisa que persegue as fontes do pensamento bakhtiniano e a maneira como atuam na sua constituição.

vida de Bakhtin, precisamente o que está situado entre 1924 e 1929, na cidade de Leningrado (Petrogrado) e que tem como aspectos marcantes a constituição do “Círculo de Leningrado” e o aparecimento de quatro importantes textos atribuídos a Bakhtin – sobre Freud, sobre o método formal, sobre a filosofia da linguagem e sobre o romance dostoiévskiano –, sendo que somente um traz sua assinatura. É nessa mesma época que ele tentou publicar o artigo “Problema do Conteúdo, Material e Forma na Atividade Estética”, mas que ficou inédito pelo fato de a revista ter sido fechada. O que se observa, no rico detalhamento da época feito pelos autores, é que esse é um período de grande produção, em que Bakhtin seguia o mesmo modo de vida, participando de círculos de discussões, dos seminários kantianos, ministrando cursos particulares, mas subsistindo sem qualquer vínculo institucional, o que caracteriza, na verdade, uma longa e dura batalha pela sobrevivência.

O círculo de Leningrado, “uma versão leningradense da escola de Nevel”, mas que não formava uma organização fixa, tinha mais ou menos os mesmos membros de Nevel e Vitebski, acrescido de um especialista em cultura chinesa, japonesa e coreana, um novo poeta, um especialista em cultura tibetana e o biólogo Kanaiev, que assina o artigo “Vitalismo Contemporâneo”, atribuído a Bakhtin.

Um dos momentos em que a questão da autoria pode ser vista em perspectiva como sendo um dos eixos centrais do pensamento e da vida de Bakhtin é justamente esse, que a biografia procura tratar em detalhes no capítulo 6, depois de ter cuidado de explicitar as particularidades das atividades religiosas do autor, aspecto nem sempre assumido por bakhtinianos que preferem etiquetá-lo sob a ótica do materialismo, como se uma coisa pudesse excluir a outra.

É dessa época a publicação de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Essa espécie de bíblia e uma das primeiras obras de Bakhtin a ser conhecida no Ocidente é, na verdade, assinada por Voloshinov. Como precisar o que é de Bakhtin e o que é de Voloshinov?

De fato, a discussão sobre os autores empíricos não leva a nenhuma conclusão, na medida em que não há documentos que comprovem ser a obra só de Bakhtin, só de Voloshinov ou partes de um e partes de outro. Essa discussão, quando colocada como central para a compreensão do pensamento bakhtiniano, leva necessariamente à personagem Bakhtin, na medida em que as fantasias sobre possibilidades e impossibilidades de o pensador expor seus pontos de vista obscurecem o fato de que não se trata de uma obra isolada, mas de um momento de um trajeto reflexivo que está presente em escritos anteriores e posteriores. E isso não exclui a forma dialógica como essa reflexão foi sendo desenvolvida no conjunto dos participantes dos vários círculos.

Assim sendo, é no conjunto dos escritos que se pode encontrar um “autor”. Seguindo os ensinamentos de Bakhtin e dos participantes de seu círculo, o autor não pode ser confundido com o indivíduo. O autor é uma instância da produção, do ato, do texto, do discurso. E o que o autor do conjunto dessas obras, assinadas Bakhtin, Voloshinov, Medvedev nos ensina? Esse autor, em diferentes momentos, obras e fragmentos, nos ensina que

“A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo o homem participa todo e com a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra, e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal”.

Ainda que esse trecho tenha sido retirado da obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, assinada por Bakhtin ele mesmo, ela reflete uma constante, um eixo que vai ser explorado de maneiras diferentes tanto em *Freudismo e Marxismo e Filosofia da Linguagem*, assinados por Voloshinov, quanto em *O Método Formal*, assinado por Medvedev. Portanto, entre o indivíduo e a personagem, que o próprio Bakhtin ajudou a construir e que a recep-

ção não cessa de acrescentar perfis, há um *autor*, única realidade à qual temos acesso através do conjunto dos textos e que vai deflagrar a questão do dialogismo, da arquitetônica da responsabilidade, ou da respondibilidade como querem alguns tradutores, e da autoria, numa coletiva interação com os participantes de seu círculo, de sua conturbada mas produtiva época.

Nesse sentido, a produtividade compreendida entre os 24 e 29, quer os textos tenham sido assinados por ele quer não, aponta para uma autoria que não deixa de lado as discussões e concepções do círculo, a efervescência cultural do momento, os pólos formalistas e marxistas, aos quais o pensamento bakhtiniano aparece como uma espécie de polêmica resposta. A poética sociológica, a resposta às teorias freudianas e mesmo o enfrentamento dos formalistas constituem formas de construção de uma filosofia da linguagem, o que inclui uma concepção e uma forma nova de enfrentamento dos estudos da linguagem, quer na forma literária quer nas diversas formas não-literárias.

No final do período em que aparecem essas várias obras, mais precisamente em 1928, Bakhtin foi preso, provavelmente por sua ligação com o círculo religioso Ressurreição ou pela não-adesão política explícita. Ficou hospitalizado em 29 e, logo em seguida, foi para o exílio em Kustanai, no Cazaquistão, norte da Ásia Central, onde permaneceu de 1930 a 1936, ainda que a pena tivesse chegado ao fim em 1934. Trabalha como economista contábil, recebe livros, vindos da biblioteca de Leningrado, por meio do amigo Kanaev e concentra-se nos estudos sobre o romance, produzindo os textos “O Discurso Romanesco” ou “A Palavra no Romance”, datado de 1934-35. O capítulo 12, penúltimo antes da conclusão, intitula-se “Kustanai, Saransk e Savelovo, 1930-1945” e é nele que os biógrafos mapeiam a vida de Bakhtin no exílio, o convite para lecionar no Instituto Pedagógico da Mordóvia, em Saransk, as visitas a Leningrado e a Moscou, o reencontro com velhos companheiros, as tentativas de arrumar trabalho, a mudança para

Savelovo, cidade próxima a Moscou, nos anos pré-guerra e amputação da perna. Tudo isso em meio ao Grande Expurgo vivido pela Rússia. Essa é uma fase produtiva no que diz respeito à teoria do romance, incluindo a tese sobre Rabelais e o famoso livro *O Romance Pedagógico e sua Significação na História do Realismo*, que conta a lenda esvaiu-se em fumaça (8) literalmente em 1942, uma vez que o fumólatra Bakhtin, diante da escassez de papel, consumiu cada uma de suas páginas enrolando fumo nelas.

É importante observar que os vários estudos sobre esse gênero apontam para uma maneira muito particular e produtiva de ver o romance, como apontam os biógrafos e reconhecem os estudos literários contemporâneos: “Bakhtin vê o romance como o gênero de um mundo imperfeito, incompleto. Ele está constantemente a gerar novas formas e, ao contrário de outros gêneros maiores, não é possível sujeitá-lo a qualquer conjunto de características formais. Em outras palavras, é tão incompleto quanto o mundo que quer pintar”.

A biografia de Clark e Holquist contextualiza e detalha as particularidades do conjunto dos textos bakhtinianos, dedicando um capítulo para cada produção fundamental, passando a limpo os principais trabalhos, como é o caso de “O Discurso na Vida e na Arte”, cada um dos textos disputados, *A Poética de Dostoiévski, Rabelais e seu Mundo*, os quatro ensaios a respeito da natureza e a evolução do romance: “O Discurso no Romance”, “As Formas do Tempo e o Cronotopo no Romance: um Ensaio sobre Poética Histórica”, “Da Pré-história no Discurso Novelístico” e “Épica e Romance: da Metodologia para o Estudo do Romance”.

O último capítulo, intitulado “De Saransk a Moscou, 1945-1975”, mostra os trinta últimos anos de Bakhtin, quando ele, residindo em Saransk (Mordóvia), leciona no Instituto Pedagógico (45-57), dirige a cátedra de Literatura Geral na Universidade da cidade, defende a tese sobre Rabelais em 46, mas só recebe o título em 52 e, mesmo assim, é reconhecido somente como

8 Essa anedota aparece, dentre vários outros lugares, no filme *Smoke*, de Wayne Wong (EUA, 1994), que no Brasil se chamou *Cortina de Fumaça*.

“candidato a Doutor”. É na década de 50 que ele escreve o ensaio “Problema dos Gêneros Discursivos”, que de forma muito explícita coloca-se hoje no centro das discussões lingüísticas e discursivas, principalmente no que diz respeito à utilização do conceito de gênero no ensino de línguas. Em 1958 é redescoberto por V. Kozhinov, S. Bocharov e G. Gachev, que viajaram até Saransk para conhecê-lo, já que até então o imaginavam morto. São justamente esses russos que disputam as verdades bakhtinianas e a posse do autor. Naquele momento, Bakhtin trabalhava na reedição de Dostoiévski e a segunda edição realmente aparece em 1963. Em 1965, publica o livro sobre Rabelais. A versão inglesa, aparecida em 1967, dá início à fama mundial de Bakhtin, que permanece em discussão até nossos dias.

No final da década de 60 seu estado de saúde piora e ele é transferido, com sua mulher, para Moscou. Inicialmente alojados num hospital do Kremlin, são posteriormente colocados num asilo em Klimosk. Em 1970 sai a edição francesa de *Problemas da Poética de Dostoiévski*, tradução de J. Kristeva. Em 1971, muito doente, Bakhtin é cuidado na Casa dos Escritores de Peredelkino e, em seguida, alojado em Moscou. Os últimos apontamentos e escritos de Bakhtin foram feitos entre 1970 e 1974. Morre no dia 7 de março de 1975, dizendo a enigmática frase, que tanto tem perturbado os pesquisadores, “Vou a teu encontro”, que tanto pode ter uma interpretação religiosa quanto sentimental.

É também de 1975 a primeira publicação póstuma de ensaios, intitulada *Problemas Literários e Estéticos*, em espanhol, e que sai na França em 1978 com o título *Teoria e Estética do Romance*, foi traduzido no Brasil como *Questões de Literatura e Estética (A Teoria do Romance)*. Em 1979 é publicada a coletânea de estudos intitulada *Estética da Criação Verbal*, que faz mudar por completo a ótica sobre a herança bakhtiniana. Em 1986, é publicado o tratado fragmentário *Acerca da Filosofia do Ato* e inicia-se a difusão ampla do pensamento bakhtiniano na Rússia. Em 1990 funda-se

em Moscou, na recentemente criada Universidade Humanística da Rússia, o Seminário Bakhtiniano, dirigido por Majlin.

INCONCLUSÕES PARCIAIS

A partir dessa importante biografia e dos inúmeros textos a respeito de Bakhtin, de seus círculos, das aproximações possíveis de seu pensamento, o que se pode deduzir, no confronto entre os poucos traços deixados pelo indivíduo, o arcabouço documental disputado mas constitutivo de um autor, e as personagens bakhtinianas que vão sendo formadas pela multifacetada recepção, é que o legado bakhtiniano instaura uma mudança de paradigma dentro dos estudos das Ciências Humanas, estabelecendo o princípio dialógico também como método. A afirmação bakhtiniana escolhida pelos biógrafos para concluir o trabalho confirma essa perspectiva:

“Não há nem primeira palavra nem derradeira palavra. Os contextos do diálogo não têm limite. Estendem-se ao mais remoto passado e ao mais distante futuro. Até significados trazidos por diálogos provenientes do mais longínquo passado jamais hão de ser apreendidos de uma vez por todas, pois eles serão sempre renovados em diálogo ulterior. Em qualquer momento presente do diálogo há grandes massas de significados esquecidos, mas estes serão de novo reinocados em um dado momento no curso posterior do diálogo quando ele há de receber nova vida. Pois nada é absolutamente morto: todo significado terá algum dia o seu festival de regresso ao lar”.

A partir dessa constatação, seria necessário começar aqui um novo ensaio, observando as formas de recepção de suas idéias e a interferência nos estudos lingüístico-literários desenvolvidos, por exemplo, no Brasil que, à semelhança de outros países, tem recuperado esse pensador, seu gesto hermenêutico e, no diálogo com teorias contemporâneas do discurso, refeito percursos e constituído novos objetos.